

## A RECEPÇÃO DA ESCOLA DE TÜBINGEN-MILÃO NO BRASIL

**RESUMO:** A comunicação parte de uma reflexão sobre uma fórmula da República (428 E), que fala de uma “cidade criada segundo a natureza”. A compreensão dessa fórmula, no seu contexto, à luz da teoria dos Princípios e da homologia que essa teoria estabelece na obra de Platão entre o cosmo, a polis e a alma, permite compreender por que a existência histórica do filósofo é uma prova concreta da realidade da kallipolis construída no logos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Platão, Princípios, kallipolis, philosophia, sophia

### THE RECEPTION OF THE TÜBINGEN-MILAN SCHOOL IN BRAZIL

**ABSTRACT:** The communication starts from a reflection on a formula of the Republic (428 E), which speaks of a “city set up according to nature”. The understanding of this formula in its context, in light of the theory of Principles and the homology which this theory states in the work of Plato between the cosmos, the polis and the soul, allows us to understand why the historical existence of the philosopher is a concrete evidence of the reality of the kallipolis built in the logos.

**Keywords:** Plato, Principles, kallipolis, philosophia, sophia

\* Professor Associado da PUC-SP; Pesquisador bolsista do CNPq. E-mail: mperine@gmail.com

1. Cf. ARISTÓTELES, *Metafísica* II 1, 993 a30-b4.

Marcelo Perine\*

Minha contribuição a este I Simpósio Internacional sobre as *Doutrinas não escritas* de Platão é mais do que modesta. Diante da constelação de estrelas de primeira grandeza aqui reunidas, a minha intervenção pretende ser apenas um pequeno exercício de rememoração, no início do esforço de intelecção que se anuncia para esses dias; rememoração que nos faculte igualmente aquele tipo de reconhecimento tão necessário ao exercício da filosofia.

Peço licença a Platão e a todos os demais platonistas para começar com uma citação de Aristóteles. No livro II da *Metafísica* ele afirma:

*Sob certo aspecto, a pesquisa da verdade é difícil, sob outro é fácil. Prova disso é que é impossível a um homem apreender adequadamente a verdade e igualmente impossível não apreendê-la de modo nenhum: de fato, se cada um pode dizer algo a respeito da realidade, e se, tomada individualmente, essa contribuição pouco ou nada acrescenta ao conhecimento da verdade, todavia, da união de todas as contribuições individuais decorre um resultado considerável<sup>1</sup>.*

Como se vê, na simplicidade deste texto de um livro considerado menor, não apenas pela letra

do alfabeto que o nomeia, a descoberta de que *rememoração*, *intelecção* e *reconhecimento* são momentos constitutivos do filosofar não é, certamente, uma descoberta hegeliana. Platão, como é sabido, mas também Aristóteles, como evidencia o texto citado, estavam convencidos de que esses momentos pertencem, inseparavelmente, ao *epitédeuma* filosófico. Mas não é este o foco da minha contribuição. A referência a esta tangência entre os pensamentos de Aristóteles e de Platão é apenas um pretexto para começar este brevíssimo exercício de rememoração sobre a recepção da Escola de Tübingen-Milão no Brasil. Talvez tenha sido um desígnio dos deuses, respaldado pelos organizadores deste simpósio, que coubesse justamente a mim a tarefa de propor este exercício de rememoração no início deste Simpósio.

Talvez não seja excessivo, mesmo para um público que se reúne para um simpósio sobre as doutrinas não escritas de Platão, recordar que a Escola que ficou conhecida como de Tübingen-Milão surgiu e se consolidou pelas pesquisas desenvolvidas a partir de meados do século XX na Universidade de Tübingen (Alemanha), por Hans J. Krämer e Konrad Gaiser, aos quais se juntou posteriormente Thomas A. Szlezák. A partir dos anos 1980, os pesquisadores do *Centro di Ricerche di Metafisica* da Universidade Católica de Milão, fundado por Giovanni Reale, passaram a dar uma contribuição tão significativa ao desenvolvimento e à divulgação dessas pesquisas a ponto de justificar a inclusão de Milão ao nome da Escola Platônica de Tübingen. No âmbito dessa escola, tornou-se usual falar de “paradigmas hermenêuticos”, que se teriam sucedido na história das interpretações de Platão. Não vou me estender aqui na exposição dos paradigmas que se sucederam na história das interpretações de Platão. Limito-me a remeter ao segundo capítulo do livro de Giovanni Reale para uma exaustiva exposição a respeito<sup>2</sup>.

O paradigma proposto pela Escola de Tübingen-Milão caracteriza-se por trazer novamente à tona a necessidade de recorrer ao ensinamento oral de Platão para compreender

adequadamente, seja do ponto de vista histórico, seja do ponto de vista doutrinal, o conjunto dos escritos de Platão, para assim alcançar uma compreensão de “todo Platão”. Segundo este paradigma, os escritos platônicos não são autárquicos, isto é, não podem ser compreendidos só a partir deles mesmos, nem na sua totalidade nem em parte; deles não se depreende uma unidade, uma vez que esta se encontra subjacente a eles, na medida em que foi confiada à oralidade dialética, de modo que a chave para o acesso à totalidade do pensamento de Platão deve ser buscada na tradição indireta, que nos transmite as suas doutrinas não escritas<sup>3</sup>.

A formulação desse paradigma teve antecedentes importantes desde o início do século XX. Em 1908, Leon Robin publicou seu famoso livro sobre *A teoria platônica das Ideias e dos Números segundo Aristóteles*, contendo uma densa interpretação sistemática dos testemunhos de Aristóteles sobre as doutrinas do mestre e a declarada tentativa de compreender Platão pelo filtro da tradição antiga indireta<sup>4</sup>. Em 1917 e em 1924, Julius Stenzel publicou dois importantes estudos sobre Platão<sup>5</sup>, a partir dos quais concluía que os testemunhos de Aristóteles sobre as doutrinas não escritas de Platão referiam-se ao último período da sua atividade filosófica, além de sustentar que uma das fontes de informação de Aristóteles teria sido a famosa lição platônica *Sobre o Bem*, na qual Platão teria exposto a teoria dos Princípios do Uno e da Díade, a questão das Ideias e dos Números e o seu nexos com os Princípios<sup>6</sup>. De modo semelhante a Stenzel, em 1949 Paul Wilpert reafirmou o caráter senil das doutrinas não escritas de Platão a partir da reconstrução de dois escritos juvenis de Aristóteles sobre a teoria das Ideias<sup>7</sup>. Finalmente é preciso também mencionar a obra de John Niemeyer Findlay, *Platão. As doutrinas escritas e não escritas*, publicada em 1974, mas que é fruto de pesquisas desenvolvidas nos anos 1920<sup>8</sup>, na qual defende a tese de que o estudo de Platão, quando limitado à letra dos diálogos, acaba por extrair dele a sua dignidade e o seu interesse filosófico<sup>9</sup>.

2. Ver o capítulo segundo, “Os ‘Paradigmas’ que constituíram os eixos de sustentação na história das interpretações de Platão”, in: G. REALE, *Para uma nova interpretação de Platão. Releitura da metafísica dos grandes diálogos à luz das ‘Doutrinas não-escritas’*, trad. M. Perine, São Paulo, Loyola, 1997, 22004, 22-53.

3. Ver o capítulo quarto, “As numerosas vantagens da releitura dos diálogos platônicos à luz das ‘Doutrinas não-escritas’ conservadas pela tradição indireta”, p. 80-97 do livro de Reale acima citado. Ver também: T. A. SZLEZÁK, “Oralità e scrittura della filosofia. Il nuovo paradigma nell’interpretazione di Platone”, in: *Verso una nuova immagine di Platone*, 93-126.

4. Cf. L. ROBIN, *La théorie platonicienne des Idées et des Nombres d’après Aristote*, Paris 1908 (Hildesheim/Zürich/New York, Georg Olms Verlag, 1963).

5. Cf. J. STENZEL, *Studien zur Entwicklung der platonischen Dialektik von Sokrates zu Aristoteles*, Breslau 1917 (Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 31961); *Zahl und Gestalt bei Platon und Aristoteles*, Leipzig 1924 (Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 31959).

6. Sobre o valor do testemunho de Aristóteles a respeito do ensinamento oral de Platão, vale a pena conferir as posições de um aristotélico em nada comprometido com os cânones hermenêuticos da Escola de Tübingen-Milão. Cf. E. BERTI, “Le dottrine platoniche non scritte ‘Intorno al Bene’ nelle testimonianze di Aristotele”, in: *Verso una nuova immagine di Platone*, 251-294.

7. Cf. P. WILPERT, *Zwei aristotelische Frühschriften über die Ideenlehre*, Regensburg, J. Habel, 1949.

8. Cf. J. N. FINDLAY, *Plato: The Written and Unwritten Doctrines*, London, Routledge, 1974.

9. Outros autores que, antes da Escola de Tübingen-Milão, também apontaram para a necessidade de levar em conta as doutrinas não escritas foram: C. A. BRANDIS, *De perditis Aristotelis*

*libris de ideis et de bono*, Bonn 1823; F. A. TRENDELEBURG, *Platonis de ideis et numeris doctrina ex Aristotele illustrata*, Leipzig 1826; C. H. WEISSE, *De Platonis et Aristotelis in constituendis summis philosophiae principiis differentia*, Leipzig 1828.

10. Cf. H. KRÄMER, *Arete bei Platon und Aristoteles. Zum Wesen und zur Geschichte der platonischen Ontologie*, Heidelberg, Abhandlungen der Heidelberger Akademie der Wissenschaften, 1959 (Amsterdam 21967).

11. Cf. K. GAISER, *Platonis ungeschriebene Lehre. Studien zur systematischen und geschichtlichen Begründung der Wissenschaften in der Platonischen Schule. Anhang: Testimonia Platonica. Quellentexte zur Schule und mündlichen Lehre Platons*, Stuttgart, Ernst Klett Verlag, 1963, 21968.

12. Cf. T. A. SZLEZÁK, *Platon und die Schriftlichkeit der Philosophie. Interpretationen zu den frühen und mittleren Dialogen*, Berlin, Walter de Gruyter, 1985 (tradução brasileira: *Platão e a escritura da filosofia. Análise de estrutura dos diálogos da juventude e da maturidade à luz de um novo paradigma hermenêutico*, trad. M. Camargo, São Paulo, Loyola, 2009).

13. Cf. T. A. SZLEZÁK, *Das Bild des Dialektikers in Platon späten Dialogen*, Berlin, Walter de Gruyter, 2004 (*A imagem do dialético nos diálogos tardios de Platão*, trad. W. Fuchs, rev. técnica M. Perine, São Paulo, Loyola, 2011).

14. Cf. G. REALE, *Per una rilettura e una nuova interpretazione di Platone*, Milano, Edizioni CUSL, 1984, 2ª ed. março de 1986, 3ª ed. junho de 1986, 4ª ed. outubro de 1986; *Per una nuova interpretazione di Platone. Rilettura della metafisica dei grandi dialoghi alla luce delle "Dottrine non scritte"*, Milano, Vita e Pensiero, 101991. A tradução brasileira foi feita por mim a partir da 14ª edição italiana com o acréscimo de um quarto apêndice (São Paulo, Edições Loyola, 1997, 2ª ed. 2004). Esta obra será citada a partir da tradução brasileira.

A obra pioneira da nova interpretação de Platão foi, reconhecidamente, a de Hans Krämer<sup>10</sup>, publicada em 1959, na qual investiga a formação e o desenvolvimento da ontologia platônica a partir da noção de *arete* (excelência), e das noções de *taxis* (ordem), *metron* (medida), *mesotes* (justo meio) e *agathon* (bem), cujos fundamentos, apenas aludidos nos diálogos, só podem ser explicados pelo recurso às doutrinas não escritas. Em 1963, Konrad Gaiser publicou a sua grande obra sobre o ensinamento oral de Platão, analisando particularmente a relação entre matemática e ontologia<sup>11</sup> e, em 1985, Thomas Szlezák apresentou ao público uma monumental análise dos primeiros diálogos de Platão, e dos diálogos da maturidade, à luz da crítica do escrito apresentada no *Fedro*, intitulada *Platão e a escritura da filosofia*, apresentando aí a tese do socorro que o discurso oral deve trazer ao discurso escrito e obrigando a levar a sério a tradição indireta<sup>12</sup>. Esta análise foi completada e confirmada no segundo volume da obra, intitulado *A imagem do dialético nos diálogos tardios de Platão*<sup>13</sup>.

No âmbito das publicações da Escola, o livro de Giovanni Reale, *Para uma nova interpretação de Platão*, teve um papel importantíssimo na divulgação da nova interpretação. Ele representa um dos mais espetaculares fenômenos editoriais no âmbito dos estudos platônicos nos últimos decênios. Publicado pela primeira vez em 1984 sob a forma de esboço provisório, teve três edições ampliadas no curso de 1986 e, a partir da quinta edição totalmente refundida, em 1987, passou a ser publicado pela Editora Vita e Pensiero da Universidade Católica de Milão. Em 1991 o livro chegou à décima edição, considerada definitiva pelo autor, e mesmo depois disso continuou a ser reimpresso com retoques e acréscimos, tendo alcançado em 2003 a vigésima primeira edição. A partir de 2010, o livro passou a ser publicado pela Editora Bompiani, alcançando assim a vigésima segunda edição<sup>14</sup>.

Uma das novidades do livro de Reale foi a tentativa de transformar as perspectivas abertas pela revalorização das doutrinas não escritas de

Platão em novo paradigma de leitura de Platão, aplicando aos estudos platônicos os instrumentos conceituais que a reflexão epistemológica de Thomas Kuhn utilizou para analisar a sucessão dinâmica das teorias científicas, em seu famoso livro sobre *A estrutura das revoluções científicas*<sup>15</sup>. Essa ousada operação de apropriação de instrumentos conceituais de um determinado campo do saber para aplicá-los a outro campo de estudos é amplamente justificada por Reale nas "Premissas metodológicas essenciais", apresentadas na primeira parte do seu livro, em especial no primeiro capítulo, no qual explora particularmente o conceito kuhniano de paradigma e a sua compreensão da natureza das revoluções científicas, para aplicá-lo às pesquisas platônicas em vista de justificar sua tese de que a interpretação proposta pela Escola de Tübingen-Milão se apresenta como um novo paradigma, que inaugura uma fase de "ciência extraordinária" nos estudos platônicos<sup>16</sup>.

Além da polêmica provocada pela novidade "metodológica", o livro de Reale despertou também uma intensa discussão teórica. Entre as críticas apresentadas em resenhas da obra de Reale em língua alemã, destaco apenas duas: a de W. Wieland, sobre a relevância filosófica das doutrinas não escritas, particularmente no que se refere à função fundadora atribuída aos princípios do Uno e da Díade na metafísica platônica, e no que diz respeito à concepção de um saber não proposicional, encarnado por Sócrates, que estaria ausente na interpretação de Reale<sup>17</sup>, e a de G. Figal sobre o conceito de sistema aplicado à filosofia platônica<sup>18</sup>.

O livro de Reale não só desencadeou intensa polêmica nos meios acadêmicos europeus, mas também um fecundo trabalho de releitura de toda a obra escrita de Platão segundo os cânones do que passou a ser chamado de "novo paradigma". São expressivos desse trabalho os comentários histórico-filosóficos aos diálogos de Platão elaborados por Maurizio Migliori<sup>19</sup>, por Giancarlo Movia<sup>20</sup>, por Mario Montuori<sup>21</sup> e, mais recentemente, por Lucia Palpacelli<sup>22</sup>, bem como a tradução italiana de todos os escritos de Platão

em um só volume<sup>23</sup>, com introduções e notas explicativas, fruto do trabalho do grupo de pesquisadores do *Centro di Ricerche di Metafisica* da Universidade Católica de Milão, sob a coordenação de Giovanni Reale.

Finalmente, deve-se ainda creditar ao trabalho de Giovanni Reale o intenso trabalho editorial da Editora Vita e Pensiero, com grande número de traduções, coletâneas e obras originais, particularmente na Coleção sobre “Temas metafísicos e problemas do pensamento antigo”, na qual figuram nomes como os de Cornelia de Vogel<sup>24</sup>, Karl Albert<sup>25</sup>, Michael Erler<sup>26</sup>, Vittorio Hösle<sup>27</sup>, John N. Findlay<sup>28</sup>, Gerard Krüger<sup>29</sup> e Elisabetta Cattanei<sup>30</sup>, para só citar os estudos sobre o pensamento platônico.

\* \* \*

Vindo agora à recepção da Escola de Tübingen-Milão no Brasil, enquanto me conta, o primeiro registro escrito no Brasil sobre as doutrinas não escritas de Platão é de 1990. Em uma primorosa nota bibliográfica intitulada “Um novo Platão?”, publicada na revista *Síntese. Nova Fase*, Henrique Claudio de Lima Vaz fez uma resenha crítica do livro de Reale, que alcançara a sua 5ª edição em 1987. Permitam-me citar um trecho da conclusão desta resenha:

*O livro de Reale é um passo importante e, talvez, definitivo, no sentido da recuperação das “doutrinas não escritas” e da sua articulação às linhas fundamentais do pensamento de Platão tal como pode ser reconstruído a partir do texto dos Diálogos. Mas seria ingênuo supor que a tarefa hermenêutica em torno do texto de Platão tenha enfim resolvido seus grandes problemas. A bibliografia platônica é um campo sem fim justamente porque no texto de Platão e tudo o que nos foi legado em seu nome formam um tesouro inesgotável. Desse tesouro Reale nos oferece uma soma rara de riquezas. Mas muitas ficam por descobrir<sup>31</sup>.*

A segunda referência à questão das doutrinas não escritas, segundo meu conhecimento,

ocorre em 1992, no V Encontro Nacional e Filosofia da ANPOF, realizado em Diamantina (MG). Naquela ocasião dividi com Jayme Paviani, então professor da PUC-RS, e com Rachel Gazolla, minha atual colega do Departamento de Filosofia da PUC-SP, uma mesa sobre temas de filosofia antiga: Rachel apresentou um tema sobre a alma no *Timeu* de Platão e Paviani falou sobre a retórica e o texto oral e escrito em Platão<sup>32</sup>. A comunicação de Jayme Paviani foi posteriormente inserida no pequeno volume de 1993, intitulado *Linguagem e escrita em Platão*<sup>33</sup>. Paviani voltaria a referir-se à nova interpretação de Platão no seu formidável volume intitulado *Filosofia e método em Platão*, publicado em 2001<sup>34</sup>.

Por sugestão de Henrique de Lima Vaz, e com a sua ajuda para a tradução de alguns volumes, empreendi a tradução dos cinco volumes da *História da Filosofia Antiga* de Giovanni Reale, publicada por Edições Loyola entre 1993 e 1995. O segundo volume desta obra, *Platão e Aristóteles*, totalmente reelaborado por Reale a partir da 5ª edição italiana de 1987 para integrar as novas perspectivas abertas pela nova interpretação de Platão, foi publicado no Brasil em 1994. O sucesso da obra, que em 1997 já alcançara uma primeira reimpressão, motivou-me a empreender a tradução do grande livro de Reale sobre a nova interpretação de Platão.

Dois anos dedicados à tradução da obra trouxeram à luz, em 1997, a primeira edição de *Para uma nova interpretação de Platão*. A expectativa em torno da sua recepção era muito grande, mas a resposta da Academia foi, literalmente, decepcionante. Uma única resenha do livro, enquanto me consta, foi publicada no *Jornal da USP*, de autoria de um professor que nem era da área da filosofia. A comunidade dos platonistas brasileiros não parecia disposta a entrar no grande debate suscitado pela nova interpretação de Platão, talvez por julgá-la irrelevante ou, quem sabe, por não estar à altura de enfrentar as questões que ela envolvia. Nesse ínterim, a única voz que, clamando no deserto, ousava referir-se à nova interpretação de Platão era a de Lima Vaz, com seus textos e resenhas

15. Cf. T. S. KUHN, *The Structure of Scientific Revolutions*, Chicago, Chicago University Press, 1962.

16. Cf. G. REALE, *Para uma nova interpretação de Platão*, 3-97.

17. Esta é a crítica de Wolfgang Wieland, apresentada na resenha publicada no *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, em 7 de dezembro de 1993, n. 284, p. L 16, reproduzida em Apêndice, com uma resposta de Reale às observações críticas, no final do seu livro (p. 564-572 da trad. bras.).

18. Esta é a crítica de G. Figal, publicada em *Internationale Zeitschrift für Philosophie*, 1994, p. 150-162, também reproduzida em Apêndice, com resposta de Reale, no final do seu livro (p. 573-585 da trad. bras.).

19. Cf. M. MIGLIORI, *Dialettica e Verità. Commentario filosofico al “Parmenide” di Platone*, Milano, Vita e Pensiero, 1990; *L'uomo fra piacere, intelligenza e Bene. Commentario storico-filosofico al “Filebo” di Platone*, Milano, Vita e Pensiero, 1993; *Arte politica e metretica assiologica. Commentario storico-filosofico al “Politico” di Platone*, Milano, Vita e Pensiero, 1996.

20. Cf. G. MOVIA, *Apparenze essere e verità. Commentario storico-filosofico ao “Sofista” di Platone*, Milano, Vita e Pensiero, 1991.

21. Cf. M. MONTUORI, *Per una nuova interpretazione del “Critone” di Platone*, Milano, Vita e Pensiero, 1998.

22. Cf. L. PALPACELLI, *L’“Eutidemo” di Platone. Una commedia straordinariamente seria*. Prefazione di M. Erler, Presentazione di M. Migliori, Milano, Vita e Pensiero, 2009.

23. Cf. PLATONE, *Tutti gli scritti*, a cura di G. Reale, Milano, Rusconi, 1991.

24. Cf. C. DE VOGEL, *Ripensando Platone e il Platonismo*, trad. E. Peroli, 1990.

25. Cf. K. ALBERT, *Sul concetto di filosofia in Platone*, a cura di P. Traverso, 1991.

26. Cf. M. ERLER, *Il senso delle aporie nei dialoghi di Platone*.

*Esercizi di avviamento al pensiero filosofico*, trad. C. Mazzarelli, 1991.

27. Cf. V. HÖSLE, *I fondamenti dell'aritmetica e della geometria in Platone*, trad. E. Cattanei, 1994.

28. Cf. J. N. FINDLAY, *Platone. Le dottrine scritte e non scritte*, trad. R. Davies, 1994.

29. Cf. G. KRÜGER, *Ragione e passione. L'essenza del pensiero platonico*, trad. E. Peroli, 1995.

30. Cf. E. CATTANEI, *Enti matematici e metafisica. Platone, l'Accademia e Aristotele a confronto*, 1996. Trad. brasileira: *Entes matemáticos e metafísica. Platão, a Academia e Aristóteles em confronto*, trad. Fernando S. Moreira, rev. técnica M. Perine, São Paulo, Edições Loyola, 2005.

31. Cf. H. C. de LIMA VAZ, Um novo Platão? *Síntese. Nova Fase*, v. XVII, n. 50 (1990) 101-113, aqui 113.

32. Cf. J. PAVIANI, Platão: a retórica e o texto oral e escrito. In: *Anais do V Encontro Nacional de Filosofia (1992)*, Diamantina, Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia, 1992, p. 9-16.

33. Cf. J. PAVIANI, *Linguagem e escrita em Platão*, Porto Alegre, EDIPUCRS, 1993.

34. Cf. J. PAVIANI, *Filosofia e método em Platão*, Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001. Sobre este livro ver a minha resenha publicada em *Revista Hypnos*, v. 8, n. 10 (2003) 113-114.

35. Cf. H. C. de LIMA VAZ, A nova imagem de Platão, *Síntese*, v. XXIII, n. 74 (1996) 399-404; Os diálogos de Platão, *Síntese*, v. XXIV, n. 76 (1997) 115-120; Atualidade da sabedoria antiga, *Síntese*, v. XXIV, n. 78 (1997) 411-420.

36. Cf. H. C. de LIMA VAZ, Platão revisitado. Ética e metafísica nas origens platônicas, *Síntese*, v. XX, n. 61 (1993) 181-197; *Kriterion*, n. 34 (1993) 9-30. Este texto é o capítulo 5 de *Escritos de Filosofia VIII. Platonica*, São Paulo, Edições Loyola, 2011, 103-129.

publicados na *Revista Síntese*<sup>35</sup>. Destaco aqui o texto “Platão revisitado. Ética e metafísica nas origens platônicas”, de 1993, pronunciado como aula inaugural do curso de doutorado em filosofia do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFMG, publicado simultaneamente na *Revista Síntese* e na *Kriterion*, e que será republicado no volume VIII dos *Escritos de Filosofia*, que reúne os textos dedicados a Platão<sup>36</sup>.

O fato é que justamente a falta de reação da comunidade acadêmica motivou-me a entrar pessoalmente no debate. Com um projeto de pesquisa aprovado pelo CNPq, em 2002, sobre “Oralidade e escritura em Platão: o estado atual do debate”, tomei a iniciativa de submeter a alguns periódicos da área de filosofia os resultados da minha pesquisa. Além disso, comecei a apresentar em diferentes fóruns acadêmicos como os Encontros de Filosofia da ANPOF e os Simpósios Interdisciplinares de Estudos Greco-Romanos, organizados anualmente na PUC-SP, comunicações e conferências sobre temas e perspectivas da interpretação de Platão segundo os cânones hermenêuticos da Escola de Tübingen-Milão<sup>37</sup>.

Paralelamente ao empenho acadêmico de submeter à discussão as posições da Escola de Tübingen-Milão, para o qual tenho encontrado interlocutores de grande envergadura intelectual e de grande lealdade na discussão como José Trindade Santos, investi também uma porção considerável de tempo e forças em empreendimentos editoriais com o objetivo de promover o conhecimento e fomentar a discussão sobre a nova interpretação de Platão, a começar pela promoção da tradução do celeberrímíssimo *Ler Platão*, de Thomas Szlezák<sup>38</sup>, em 2005, e de *Interpretar Platão*, de Vittorio Hösle<sup>39</sup>, em 2008.

A *Coleção Estudos Platônicos*, por mim iniciada, cuja divisa é a afirmação de Hans-Georg Gadamer, de que “o problema geral da interpretação platônica, tal como se nos apresenta hoje, funda-se sobre a obscura relação existente entre a obra dialógica e a doutrina de Platão que só conhecemos por uma tradição indireta”<sup>40</sup>, foi inaugurada em 2005 com o originalíssimo livro de Elisabetta Cattanei, que, segundo Imre Toth,

“é provavelmente o primeiro que sabe dar valor [...] às doutrinas não escritas de Platão na apresentação e na análise da matemática do tempo”<sup>41</sup>. Nesta mesma coleção, em 2009, foi publicado o extraordinário volume de Thomas Szlezák, *Platão e a escritura da filosofia*<sup>42</sup> e, em 2011, o segundo volume intitulado *A imagem do dialético nos diálogos tardios de Platão*<sup>43</sup>.

Nessa mesma coleção, que não pretende privilegiar nenhuma das tendências que disputam a hegemonia da interpretação da obra platônica, organizei uma coletânea com pesquisadores de diferentes tendências interpretativas, de José Trindade Santos a Giovanni Reale, passando por Rachel Gazolla, Graciela Marcos, Maura Iglésias, Raúl Gutiérrez, Marcelo Marques, Francisco Bravo e Jairo Escobar<sup>44</sup>, justamente com o intuito de fomentar o debate acadêmico de qualidade e proporcionar a ampliação do conhecimento em torno das questões ainda hoje suscitadas tanto pela obra dialógica de Platão como pela tradição indireta do platonismo.

O empenho na divulgação das perspectivas interpretativas da Escola de Tübingen-Milão em nossa academia começou a produzir outros resultados. Algumas dissertações de mestrado foram defendidas em diferentes programas de pós-graduação no Brasil. Destaco algumas de que tenho conhecimento: a de Élder de Carvalho Lobão, “A questão da escrita em Platão. Algumas reflexões”, defendida na PUC-SP em 2000; a de Maria Celeste de Sousa, “O Bem-Uno platônico uma abordagem metafísica da ética à luz das doutrinas não escritas”, defendida na UECE em 2001; a de Dennys Garcia Xavier, “Uno, Díada e demiurgia no *Timeu* de Platão”, defendida em 2005 na UNICAMP e a de Gustavo Barbosa, “Filosofia da matemática: a disputa entre Platão e Aristóteles”, defendida no programa de mestrado em Educação Matemática da UNESP em 2009. Está em andamento a dissertação de Tiago Estanislau Ciccarini, “Sobre o *Fedro* e a *Carta VII* de Platão: a alma, o discurso e a Escola de Tübingen-Milão em debate”, orientada por Marcelo Pimenta, na UFMG. Some-se a essa produção, a tese de doutorado de Dennys Garcia Xavier, “Il

Teeteto di Platone: prosopografia e finzione letteraria”, defendida em 2009 na Universidade de Macerata sob a orientação de Maurizio Migliori<sup>45</sup>.

Alguns artigos em periódicos nacionais também expressam o crescente interesse que os cânones hermenêuticos da Escola de Tübingen-Milão têm despertado entre nós. Em 1999, Luciana Pereira Pimenta publicou na revista *Síntese* um artigo sobre “Universalidade nomotética no diálogo *Político* de Platão à luz das doutrinas não escritas”<sup>46</sup>. Uma expressiva contribuição para a recepção da Escola de Tübingen-Milão no Brasil tem sido dada por Dennys Garcia Xavier, com a publicação de artigos em diferentes revistas filosóficas brasileiras<sup>47</sup>. Finalmente, é preciso ainda mencionar o crescente número de comunicações apresentadas em congressos, simpósios e outros eventos organizados em diferentes partes do Brasil. Destaco, entre outros, o X Simpósio Internacional da Sociedade Brasileira de Platonistas, realizado em agosto de 2009 em Uberlândia, cujas Atas foram publicadas na Coleção Estudos Platônicos<sup>48</sup>.

Concluída esta *rememoração* da recepção da Escola de Tübingen-Milão no Brasil, não resta senão fazer uma celebração do momento presente. O presente não se rememora. Celebre-se! As futuras gerações se encarregarão de trazê-lo à memória. A realização deste I Simpósio Internacional sobre as doutrinas não escritas de Platão é um evento a ser celebrado com a dignidade que ele merece. Passados exatos 20 anos da publicação da nota bibliográfica de Henrique de Lima Vaz, que perguntava se, diante do livro de Giovanni Reale, estaríamos diante de um novo Platão<sup>49</sup>, podemos reconhecer que uma nova *intelecção* da obra de Platão ganhou definitivamente direito de cidadania em nossa academia.

Termino, portanto, por onde comecei, isto é, por Aristóteles, que, como sabemos, é das mais importantes fontes sobre as doutrinas não escritas de Platão. Se, como diz Aristóteles, é impossível a um homem apreender adequadamente a verdade e igualmente impossível

não apreendê-la de modo nenhum; se, tomada individualmente, a contribuição de cada um pouco acrescenta ao conhecimento da verdade, da união de todas as contribuições individuais decorre um resultado considerável<sup>50</sup>. É esta certeza que me move a saudar mais uma vez os organizadores e participantes deste Simpósio e, literalmente, a beber com eles o sucesso desta iniciativa. Vida longa à Escola de Tübingen-Milão!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERT, K. (1991) *Sul concetto di filosofia in Platone*. A cura di P. Traverso.

ARISTÓTELES, *Metafísica*. Trad. Giovanni Reale/Marcelo Perine. 2.ed. São Paulo, Loyola, 2005. 2 vol.

BERTI, E. “Le dottrine platoniche non scritte ‘Intorno al Bene’ nelle testimonianze di Aristotele”. In: *Verso una nuova immagine di Platone*.

CATTANEI, E. (2005) *Entes matemáticos e metafísica. Platão, a Academia e Aristóteles em confronto*. Trad. Fernando S. Moreira, rev. técnica M. Perine. São Paulo, Loyola.

DE VOGEL, C. (1990) *Ripensando Platone e il Platonismo*. trad. E. Peroli.

ERLER, M. (1991) *Il senso delle aporie nei dialoghi di Platone*. Esercizi di avviamento al pensiero filosófico. Trad. C. Mazzarelli.

FINDLAY, J. N. (1974) *Plato: The Written and Unwritten Doctrines*. London, Routledge.

FINDLAY, J. N. (1994) *Platone. Le dottrine scritte e non scritte*. Trad. R. Davies.

GADAMER, H. G. (1985) *Gesammelte Werke*. Tübingen: Bd. 6.

GAISER, K. (1963) *Platons ungeschriebene Lehre*. Studien zur systematischen und geschichtlichen Begründung der Wissenschaften in der Platonischen Schule. Anhang: Testimonia Platonica. Quellentexte zur Schule und mündlichen Lehre Platons. Stuttgart, Ernst Klett Verlag.

HÖSLE, V. (1994) *I fondamenti dell’aritmetica e della geometria in Platone*. Trad. E. Cattanei.

HÖSLE, V. (2008) *Interpretar Platão*. Trad. Antonio C. P. de Lima. São Paulo, Loyola.

KRÄMER, H., (1959) *Arete bei Platon und Aristoteles. Zum Wesen und zur Geschichte der platonischen Ontologie*. Heidelberg: Abhandlungen der Heidelberger Akademie der Wissenschaften.

KRÜGER, G. (1995) *Ragione e passione. L’essenza del pensiero platonico*. Trad. E. Peroli. Milano, Vita e Pensiero.

KUHN, T. S. (1962) *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago, Chicago University Press.

37. Permito-me remeter às publicações nas quais recorro aos cânones hermenêuticos da Escola de Tübingen-Milão: Retória é/e filosofia. Leituras do *Fedro*, *Hypnos*, v. 8, n. 11 (2003) 34-48; O significado de *síngnoma* na interpretação da escola platônica de Tübingen, *Síntese. Revista de Filosofia*, v. XXXI, n. 99 (2004) 5-12; A tradição platônica indireta de Aristóteles aos nossos dias, *Phronesis*, v. 6 (2004) 1-31; Tempo do mundo e tempo da ação no *Político* de Platão, *Hypnos*, v. 11, n. 17 (2006) 41-56; Medida e paixões no *Político* de Platão, *Filosofia Unisinos*, v. 8, n. 3 (2007) 213-226; A tradição platônica indireta e suas fontes, *Dissertatio*, v. 25 (2007) 1-40; O dialético e a definição do bem, *Síntese*, v. XXXV, n. 112 (2008) 211-220; A cidade e a política conforme a natureza, *Revista de Filosofia de la Universidad de Costa Rica*, v. XLVI (2008) 79-85.

38. Cf. T. A. SZLÉZÁK, *Ler Platão*, trad. de Milton C. Mota, São Paulo, Edições Loyola, 2005.

39. Cf. V. HÖSLE, *Interpretar Platão*, trad. Antonio C. P. de Lima, São Paulo, Edições Loyola, 2008.

40. Cf. H.-G. GADAMER, *Gesammelte Werke*, Bd. 6, Tübingen, 1985, p. 244.

41. Citado acima na nota 30. A citação de Imre Toth encontra-se no Prefácio, p. 14.

42. Citado acima na nota 12.

43. Citado acima na nota 13.

44. Cf. M. PERINE (Org.), *Estudos platônicos. Sobre o ser e o aparecer, o belo e o bem*, São Paulo, Edições Loyola, 2009.

45. Recentemente publicada na Itália, em versão revista e ampliada: *Con Socrate oltre Socrate: Il Teeteto come esempio di teatro filosofico*. Casoria (NA): Loffredo Editore, 2011.

46. *Síntese. Revista de Filosofia*, v. XXVI, n. 84 (1999) 31-64.

47. Ver, por exemplo: Para uma metafísica platônica à luz da “tradição indireta”, *Hypnos*, v. 10, n. 15 (2005) 117-128; Para uma análise do critério schleiermacheriano na interpretação das obras de

- Platão, *Educação e Filosofia*, v. 19, n. 37 (2005) 179-199; Para uma leitura alternativa de Platão, *Educação e Filosofia*, v. 19, n. 38 (2005) 145-157; Entrevista com Giovanni Reale, *Educação e Filosofia*, v. 20, n. 40 (2006) 19-39; Composição dramática e maiêutica no Teeteto de Platão, *Princípios*, v. 14 (2007) 175-194; A República de Platão e as operações "henológicas" da ideia de bem, *Síntese. Revista de Filosofia*, v. XXXIV, n. 109 (2007) 247-260.
48. XAVIER, Dennys G. (Org); CORNELLI, Gabriele (Org.). *A República de Platão: Outros olhares*. São Paulo: Ed. Loyola, 2011.
49. Ver acima nota 35.
- 50.Cf. ARISTÓTELES, *Metafísica II 1*, 993 a30-b4.
- LIMA VAZ, H. C. de. (1996) A nova imagem de Platão. *Síntese*, v. XXIII, n. 74, p. 399-404.
- LIMA VAZ, H. C. de. (1993) Platão revisitado. Ética e metafísica nas origens platônicas. *Síntese*, v. XX, n. 61, p. 181-197.
- LIMA VAZ, H. C. de. (1990) Um novo Platão? *Síntese*. Nova Fase, v. XVII, n. 50, p. 101-113.
- MIGLIORI, M. (1990) *Dialettica e Verità*. Commentario filosofico al "Parmenide" di Platone. Milano, Vita e Pensiero.
- MONTUORI, M. (1998) *Per una nuova interpretazione del "Critone" di Platone*. Milano, Vita e Pensiero.
- MOVIA, G. (1991) *Apparenze essere e verità*. Commentario storico-filosofico ao "Sofista" di Platone. Milano, Vita e Pensiero.
- PALPACELLI, L. (2009) *L'"Eutidemo" di Platone*. Una commedia straordinariamente seria. Prefazione di M. Erler, Presentazione di M. Migliori. Milano, Vita e Pensiero.
- PAVIANI, J. (2001) *Filosofia e método em Platão*. Porto Alegre, EDIPUCRS.
- PAVIANI, J. (1993) *Linguagem e escrita em Platão*. Porto Alegre, EDIPUCRS.
- PAVIANI, J. (1992) Platão: a retórica e o texto oral e escrito. *Anais do V Encontro Nacional de Filosofia (1992)*, Diamantina, Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia.
- PERINE, M. (Org.). (2009) *Estudos platônicos*. Sobre o ser e o aparecer, o belo e o bem. São Paulo, Loyola.
- PLATONE. *Tutti gli scritti*. A cura di G. Reale. Milano, Rusconi, 1991.
- REALE, G. (1997) *Para uma nova interpretação de Platão*. Releitura da metafísica dos grandes diálogos à luz das "Doutrinas não-escritas". trad. M. Perine. São Paulo, Loyola.
- REALE, G. (1984) *Per una rilettura e una nuova interpretazione di Platone*. Milano, Edizioni CUSL.
- ROBIN, L. (1908) *La théorie platonicienne des Idées et des Nombres d'après Aristote*. Paris, s/ed.
- STENZEL, J. (1917) *Studien zur Entwicklung der platonischen Dialektik von Sokrates zu Aristoteles*. Breslau, s/ed.
- SZLEZÁK, T. A. "Oralidade e escritura della filosofia. Il nuovo paradigma nell'interpretazione di Platone". In: *Verso una nuova immagine di Platone*, 93-126.
- SZLEZÁK, T. A. (2004) *Das Bild des Dialektikers in Platon späten Dialogen*. Berlin, Walter de Gruyter.
- SZLEZÁK, T. A. (2005) *Ler Platão*. Trad. de Milton C. Mota. São Paulo, Loyola.
- SZLEZÁK, T. A. (1985) *Platon und die Schriftlichkeit der Philosophie*. Interpretationen zu den frühen und mittleren Dialogen. Berlin, Walter de Gruyter.
- XAVIER, D.G. (2011) *Con Socrate oltre Socrate. Il Teeteto come esempio di teatro filosofico*. Casoria (NA), Loffredo Editore.
- WILPERT, P. (1949) *Zwei aristotelische Frühschriften über die Ideenlehre*. Regensburg, J. Habel.

Recebido em novembro de 2010,  
aprovado em janeiro de 2011.

